

16/2/97 17-18A

“NUM LEVANTAMENTO EM CARTÓRIO PODEREMOS SABER QUEM COMPRA A TERRA DE QUEM”

(João Fernandes de Oliveira, diretor da Reserva Ecológica de Joatinga)

Joatinga, uma reserva ecológica ameaçada

GENTE DE FORA PAGA PREÇOS IRRISÓRIOS PELAS TERRAS DE PESCADORES: 600 m² DE PARAÍSO PODEM CUSTAR MENOS DE R\$ 3 MIL

Por Valdir Sanches

No Pouso da Cajaíba, uma das praias da Reserva Ecológica de Joatinga, em Paraty (RJ), vive Alceu Magno do Nascimento, 46 anos, pescador, neto de escravos. Os avós de Alceu receberam um pedaço de terra do senhor de engenho, quando a escravatura terminou. É onde mora Alceu, até hoje. Com seus vizinhos não acontece o mesmo: dez deles, ao menos, venderam sua terra para advogados e pequenos empresários de São Paulo e Rio.

No Pouso moravam 86 famílias. Das dez que venderam seu lote, a maior parte foi embora. Os compradores pagam R\$ 2 mil a R\$ 3 mil por um pedaço de paraíso de 600 m². Se compram a terra e a casa, investem R\$ 5 mil. Outros, vão mais longe: “Compram áreas grandes, de 100 m por 40 m (4 mil m²)”, diz Alceu. “Guardam a terra para valorizar, não usam e não deixam ninguém usar.”

Alceu continua: “O povo aqui tem pouca cultura. O pessoal de fora chega, diz que tudo aqui é muito desvalorizado, não tem valor. O povo fica desanimado e vende seu cantinho por qualquer preço.”

“Estou preocupado, porque essas pessoas de fora conhecem as leis e têm poder econômico. Vão acabar ficando com as melhores áreas e sufocando os caiçaras.”

O Pouso da Cajaíba é uma pequena praia de areia limpa e mar calmo, sem luz elétrica, com água da montanha, uma escola de primeiro grau e um posto de saúde fechado há dois meses. Os benefícios da civilização começam a duas horas de barco a motor, ou seis a pé, por uma trilha na mata: em Laranjeiras, já fora da reserva ecológica, onde há um condomínio fechado de alto luxo.

Mais perto de Laranjeiras está a Praia do Sono, a última, ao sul, da reserva ecológica. Muitos de seus moradores deixaram a pesca para trabalhar como caseiros ou marinheiros no Condomínio Laranjeiras. Mulheres e filhas também trabalham lá. Os que não têm canoa, caminham uma hora pela mata. Durante 40 anos, os moradores locais procuraram resistir à ocupação por parte de um empresário paulista do ramo siderúrgico, Gibrail Thamus, recentemente falecido.

O diretor da reserva, João Fernandes de Oliveira, diz que

Gibrail conseguiu escrituras de todas as áreas da Praia do Sono. E passou a expulsar os caiçaras, que tinham posses de mais de cem anos. “Mas antes de morrer, ele fez um acordo com os caiçaras: cedeu uma pequena área para cada morador”, diz João. A cessão tem uma condição, diz o diretor: “Quem recebeu a terra não pode vendê-la.”

O que não deixa de ser interessante, do ponto de vista da preservação do lugar. João diz que o industrial não devastou as terras, nem construiu nelas. “Apenas, em certa ocasião, começou a retirar granito, mas foi embargado.”

Uma das comunidades mais preservadas da reserva é a de Joatinga, que sobrevive à pobreza e ao tempo em uma pequena área sem praia e sem atracadouro. Dois meninos de nove anos levaram os repórteres do JT em uma pequena canoa, da lancha que os trouxe a uma rampa feita de troncos, a estiva.

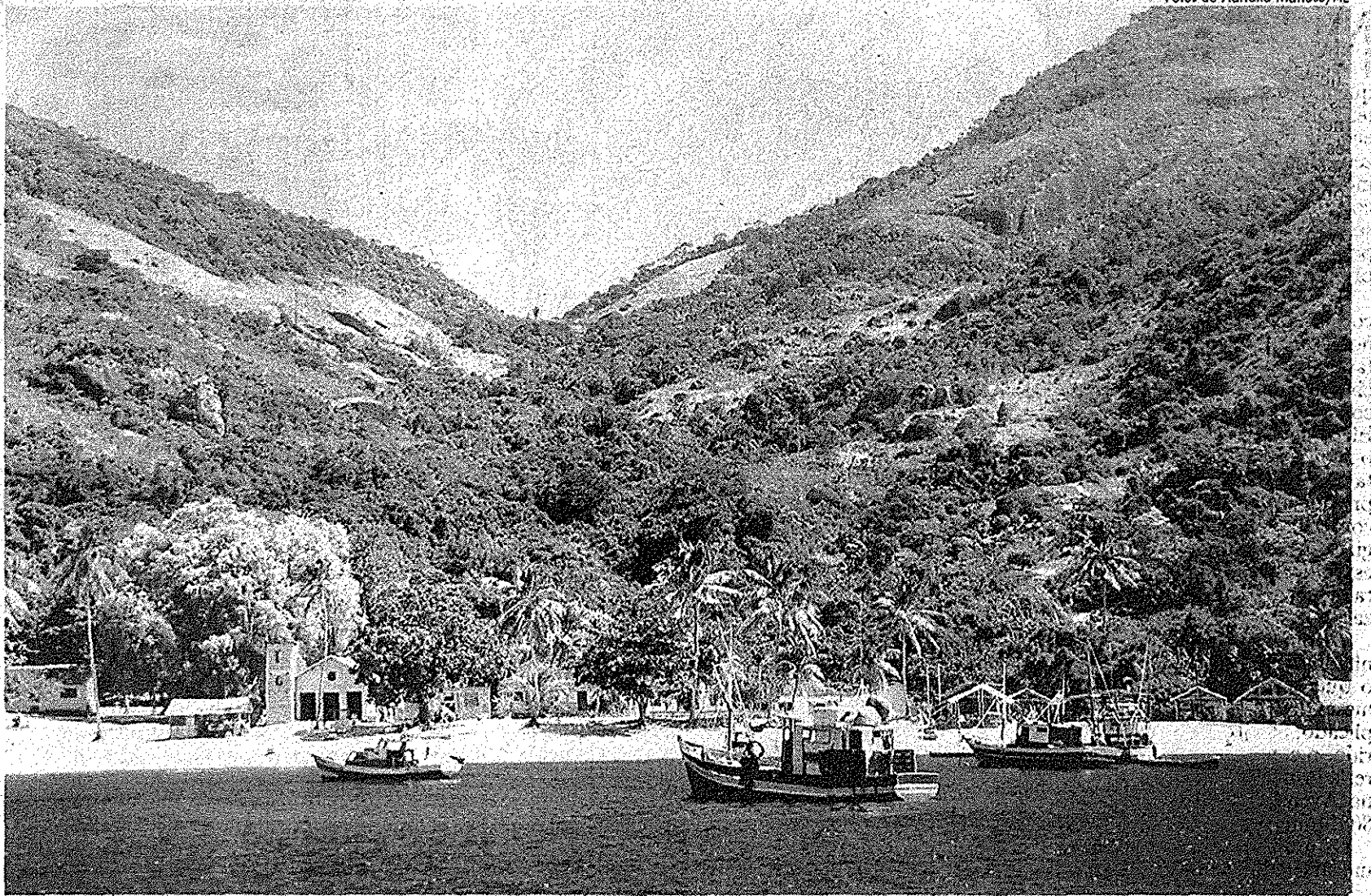
A estiva serve para os pescadores se lançar ao mar, em seus barcos. E retornar para casa.

Um grupo de 18 casas, uma escola (o professor chega de barco e se vai nos fins de semana), três barcos a motor, algumas canoas. Nisto se resume Joatinga. Olímpio José Elesbão, 70 anos, nove filhos, fala da “vida pobre e sacrificada” do lugar. Mas pondera: “A única bondade daqui é que estamos longe da violência e da poluição.” Nem tanto, corrige José Luiz do Espírito Santo, 59 anos: violência não tem, “mas, na rede, vêm junto com o peixe garrafas de plástico, bolsa velha, sacola, pente.”

Os dois pescadores têm a mesma fala, quando a questão é a posse da terra. Dizem que estão em área de segurança nacional, porque encontram-se perto do Farol da Ponta da Joatinga. “A Capitania dos Portos não deixa ninguém aqui vender a terra”, diz Elesbão. “Não fosse por isso, o pessoal já tinha vendido e os compradores tinham privatizado tudo.”

Outro bem precioso que a comunidade de Joatinga não quer perder é sua paz. Diz Elesbão: “Aqui não queremos saber de turista, esse negócio de fumar maconha e andar pelado.”

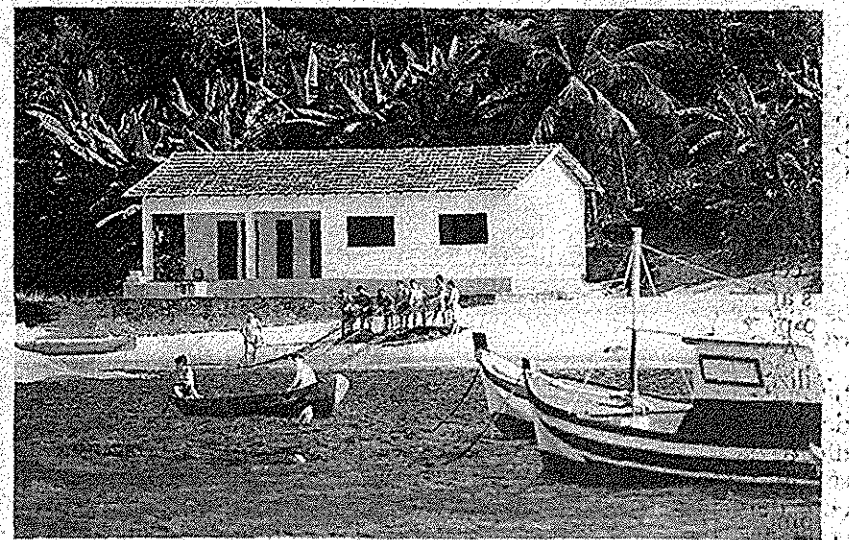
Em tudo isso, a natureza ajuda os caiçaras. Quando o vento Sudoeste sopra forte, o mar “vira” e ninguém consegue chegar às praias da Reserva Ecológica.



A praia de Pouso da Cajaíba, na reserva de Joatinga: pelo menos dez pescadores já venderam suas terras para gente de fora



Pescadores de Joatinga: plástico e lixo nas redes



Pescadores puxam a rede



“O POVO DAQUI TEM POUCA CULTURA, VENDE SEU CANTINHO POR QUALQUER PREÇO”
(Alceu Magno do Nascimento)

RESERVA DA JOATINGA

Área bem protegida. No papel

A área onde ficam a Praia Negra e outras 20 praias, em Paraty, no litoral sul do Rio, quase divisa com São Paulo, é muito bem protegida — no papel. É uma reserva ecológica, a da Joatinga, criada pelo governo do Estado. Mas também pertence a uma Área de Preservação Ambiental (APA), a do Cairuçu, criada pela União e passada à responsabilidade do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Na prática, a situação é a seguinte: o atual diretor da Re-

serva da Joatinga, recém-nomeado, é o primeiro que conhece a área, de 11 mil hectares. Seus dois antecessores nunca haviam estado nela. O último deles, segundo afirmam ambientalistas, nem ao menos sabia onde fica.

O diretor atual, João Fernandes de Oliveira, nasceu em Paraty e mora na cidade. Para exercer o cargo, já tem uma sala, um aparelho de fax e um computador. Espera a chegada de um carro. Na verdade, só agora a administração da reserva começa a ser instalada. O carro terá sua utilidade, mas restrita. Uma lancha é essencial: o acesso às 22 comunidades da reserva dá-se por mar ou por horas de caminhada em trilhas.

João não tem nenhum fiscal — na verdade, nenhum funcio-

nário. Seu único recurso, se precisar, será pedir apoio ao Batalhão Florestal, da PM.

No caso da APA do Cairuçu, seu diretor, Ney Pinto França, que também mora em Paraty, tem quatro funcionários, um jipe Toyota (no momento emprestado a outro setor) e nenhum fiscal. Se precisar de fiscal, terá que pedir para a vizinha Angra dos Reis. Mas toda esta parte do sul fluminense tem apenas dois fiscais. A APA tem área três vezes maior do que a reserva da Joatinga: 33 mil hectares, do centro de Paraty à divisa com São Paulo, incluindo 64 ilhas.

Pessoas interessadas na APA dizem que há “pilhas de denúncias” sobre a mesa do diretor. “Um dos problemas mais sérios que enfrentamos é o da pesca predatória”, diz

Ney. “Os pesqueiros industriais fazem pesca predatória de arrastão, com dois barcos, nas pequenas baías onde os caiçaras pescam para sobreviver.” Os dois barcos navegam paralelamente, puxando uma rede instalada entre ambos, que leva todo peixe que encontra pela frente.

Na reserva da Joatinga os problemas estão em terra. Oliveira, o diretor, está começando a trabalhar em um projeto. Quer fazer um levantamento fundiário, em cartório, para saber quem tem escritura de terras na reserva, originárias de sesmarias (devem ser pouquíssimos casos). Depois, levantar quais são os donos de posses registradas. “A partir daí poderemos ter um controle de quem compra a terra de quem”, diz o diretor.

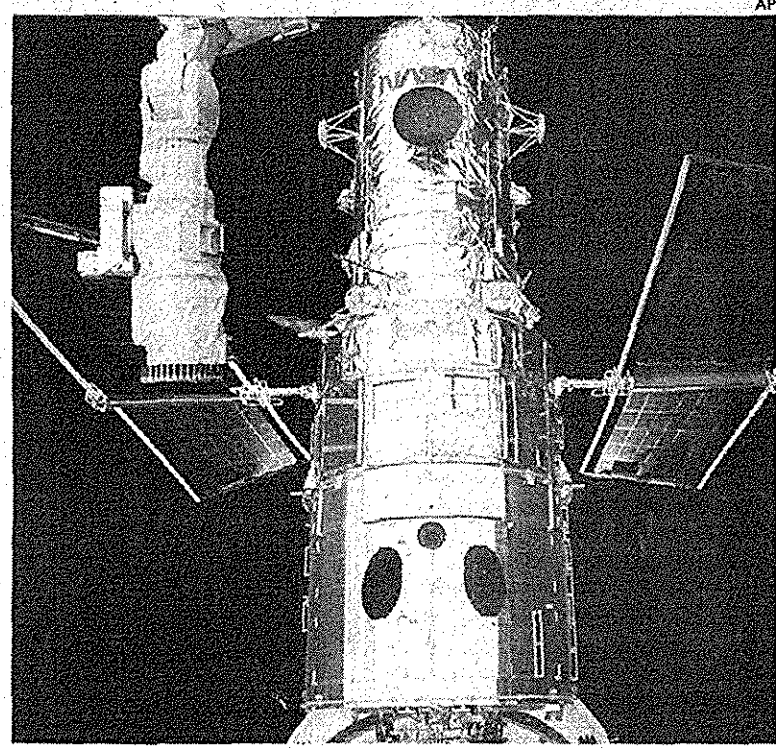
E MAIS

Balsa em Ribeira e Adrianópolis

A Defesa Civil de São Paulo e do Paraná montaram esquema de emergência junto com o Exército para normalizar a ligação entre Ribeira (SP) e Adrianópolis (PR). O transporte e o abastecimento das cidades estava prejudicado pela queda da ponte de ligação, com as fortes chuvas de janeiro. Uma balsa do Exército deve entrar em funcionamento em uma semana.

LITORAL

A Operação Descida, que deveria terminar às 18h de ontem, foi encerrada às 12h40 por causa do fraco movimento no sentido São Paulo-Baixada. Durante a tarde de ontem a Rodovia dos Imigrantes e uma pista da Anchieta operaram no sentido de subida e a descida ficou restrita à outra pista da Anchieta.



Hubble ganha mais poder de foco

Continuam hoje os consertos que vêm sendo feitos desde anteontem no telescópio Hubble, o equipamento de US\$ 2 bilhões que está em órbita desde 1990. Durante a manhã de ontem os astronautas Greg Burchard e Joe Tanner fizeram a segunda fase de reparos — que terão custo total de US\$ 350 milhões —, aplicando um sensor que deve aumentar em dez vezes a capacidade de foco para objetos. Mais duas intervenções dos astronautas estão previstas para hoje. O Hubble, que tem o tamanho de um prédio de quatro andares, foi o aparato que permitiu a confirmação da existência dos buracos negros.

OVNIS

Imagens de Objetos Voadores Não-Identificados foram gravadas em vídeo por uma mulher na praia de Viña del Mar, no Chile. As cenas, exibidas pela rede de tevê chilena Megavisión, mostram evoluções do que parece ser um prato branco. Imagens semelhantes foram observadas em regiões centrais do Chile.

Polícia investiga crime em Angra

O secretário de Obras de Angra dos Reis, Abílio Alapenha Filho, de 47 anos, assassinado anteontem com quatro tiros em seu escritório, foi enterrado ontem à tarde no cemitério da Igreja da Matriz. O delegado Anderson Ribeiro, que investiga o caso, não descarta a hipótese de que o crime tenha sido político.

CPI dos Títulos em AL: Incêndio criminoso

Laudos da Polícia Civil-é do Corpo de Bombeiros de Alagoas, divulgados ontem, concluíram que foi criminoso o incêndio que destruiu o prédio da presidência da Assembleia Legislativa na madrugada de 31 de janeiro. No incêndio, ficaram completamente danificados o auditório, três salas e documentos da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), que apura fraude na emissão de R\$ 301,6 milhões em Letras do Tesouro Estadual. De acordo com os laudos, o fogo foi colocado com gasolina e logo se alastrou, queimando arquivos, móveis, aparelhos de TV, ar condicionado, computadores e todas as cadeiras do auditório. A Secretaria de Segurança Pública do Estado vai nomear um delegado de polícia para acompanhar de perto o caso. Ele terá um prazo de 90 dias para concluir um inquérito.



Adriano Mattoso/AE

Trecho da Reserva Ecológica da Joatinga: área com 21 praias livre do assédio imobiliário

Pescador tenta vender sua casa na Praia Negra. Mas não consegue

UM DOS TRECHOS MAIS BELOS DA COSTA BRASILEIRA FOI TRANSFORMADO, RECENTEMENTE, EM RESERVA ECOLÓGICA, A DA JOATINGA. SÃO 11 MIL HECTARES DO LITORAL DE PARATY (RIO), COM PRAIAS OCUPADAS POR PESCADORES QUE NASCERAM ALI, COMO SEUS PAIS. A CRIAÇÃO DA RESERVA, PORÉM, ACABOU CRIANDO UMA SITUAÇÃO INUSITADA. SE, POR UM LADO, INIBIU O ASSÉDIO DE PESSOAS ENDINHEIRADAS, QUE COMPRAVAM AS POSSES DOS PESCADORES POR PREÇO ÀS VEZES IRRISÓRIOS, POR OUTRO TIROU A ÚNICA CHANCE DE OS NATIVOS GANHAREM DINHEIRO

Por Valdir Sanches
Adriano Mattoso/AE

Vinte mil reais é coisa que Antonio da Conceição nunca viu na vida. Para um pescador que vive num lugar tão isolado como a Praia Negra, onde nasceu há 64 anos, e viu nascerem seus 20 filhos, é como ganhar na loteria. Praia Negra é uma pequena aldeia que fica entre a exuberância da Mata Atlântica e um mar glorioso, no litoral de Paraty, Estado do Rio, já perto da divisa com Ubatuba, São Paulo. Um doutor de São Paulo fez a oferta há um mês: R\$ 20 mil pela posse de Antonio. O pescador aceitou na hora.

São mil metros quadrados (20 m por 50 m) situados num plano elevado, escancarados para o mar. Custariam ao comprador, um industrial paulista, R\$ 20 o metro quadrado. Mas seus planos, revelados aos nativos, de construir na aldeia uma majestosa casa de praia, foram frustrados por um fato novo. Desde 1993 uma área de 11 mil hectares, com 21 praias, onde vivem 22 comunidades caiçaras, constitui a Reserva Ecológica da Joatinga. A Praia Negra está na reserva (veja o mapa).

A reserva foi criada em 1991, pelo governo do Estado do Rio, e aprovada em 1993. É uma área "não edificante". É proibido construir-se ali, com exceção de moradias feitas pelos nativos para seu uso.

O industrial certamente descobriu isso e acabou desistindo da compra.

E deixou Antonio pescador frustrado. "Eu precisava do dinheiro para pôr o motor na minha canoa", lamenta. O motor, pelos seus próprios cálculos, custa R\$ 3 mil. O que faria com os R\$ 17 mil restantes? "Punha na poupança". Uma operação trabalhosa. Para chegar ao ponto de ônibus mais próximo, a 15 quilômetros do centro de Paraty, Antonio precisa remar duas horas em sua canoa.

Pelo trato desfeito, Antonio ficaria com a casa em que mora. A casa ocupa uma pequena área, numa extremidade do terreno. Além disso, poderia prestar serviços ao novo dono. Este já o havia contratado para limpar o terreno, que está desmatado, com exceção de algumas touceiras de bambu. Construída a casa, poderia trabalhar como caseiro.

A venda quase feita por Antonio não foi a primeira. Há cinco anos, ele vendeu uma casa, perto da que tem hoje. O comprador, conta, é um argentino que mora em seu país e vem poucas vezes à Praia Negra. A mulher de Antonio, Madirema, está indignada com o negócio não consumado do terreno: "Alguém pôs areia." O marido quer, agora, construir no terreno abrigos rústicos para alugar a turistas. Mas Madirema insiste em vender a área: "E agora, se alguém quiser, terá de pagar R\$ 40 mil."

Na Praia Negra vivem 25 fa-



Antonio da Conceição e a mulher: deixando de ganhar R\$ 20 mil

mílias de pescadores. Em fins de semana e feriados surgem pessoas de fora, que compram casas de pescadores. São seis as casas vendidas. Os novos proprietários não as ampliaram ou alteraram. O decreto que criou a Reserva da Joatinga não proíbe a venda. Nem mesmo de terreno. Uma pessoa pode comprar a posse de um nativo — só não pode construir nela.

Na Praia Negra aportam barcos fretados por turistas que vão passar o dia. Os turistas ser-

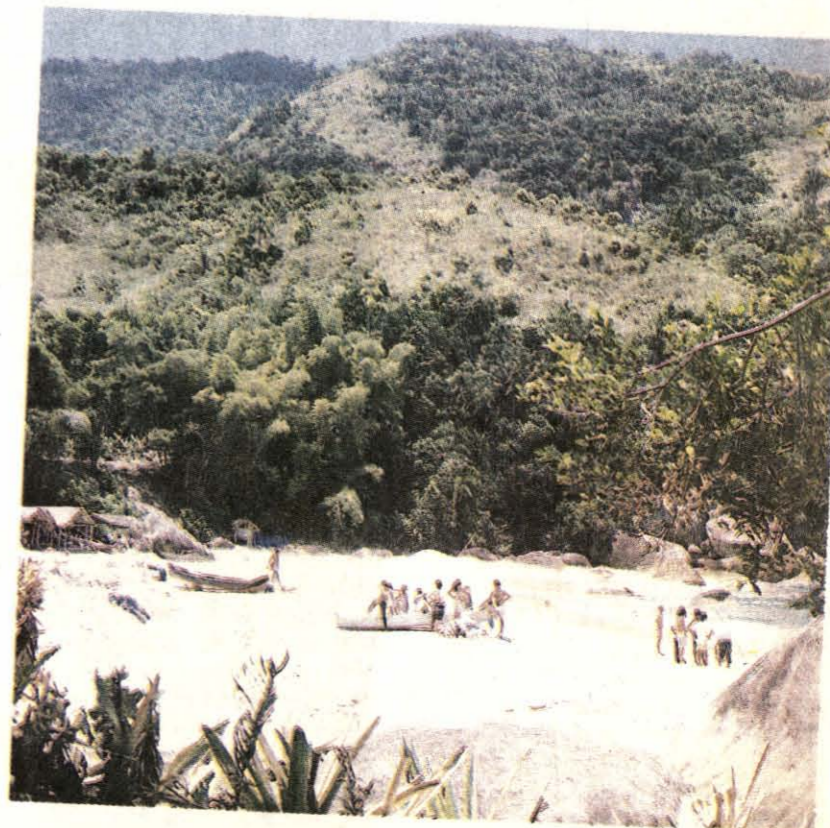
vem-se de três ou quatro barracas que vendem peixe e cerveja, mantidas pelos nativos. O perigo está em outro tipo de forasteiro, os piratas ladrões de palmito. Há poucos dias, seis homens desembarcaram na praia e entraram na mata. Mais tarde foram recolhidos em outra parte da ilha. "Levaram muito palmito", dizem os pescadores. Antonio da Conceição ficou ofendido: "Nem obediência para nós que moramos aqui eles não deram."



COMO É A RESERVA

A Reserva Ecológica da Joatinga, situada na região de Paraty (RJ), começa no Saco do Mamanguá e se estende para o Sul, na direção Rio-São Paulo, até a Praia do Sono. A margem direita do Mamanguá fica fora da reserva e está bem ocupada por hotéis e mansões. A esquerda, dentro da reserva, está preservada. Há alguns anos, surgiram ali algumas casas de praia luxuosas, mas o que

predomina são os pequenos povoados. O maior deles está na Praia do Cruzeiro, com 20 casas, de pescadores e artesãos. As praias mais conhecidas da reserva são a do Pouso da Cajaíba, Praia Negra e Praia do Sono, visitadas pela reportagem do **Jornal da Tarde**. O povoado de Joatinga, um dos mais preservados, também visitado, está incrustado na montanha: não tem praia.



Praia Negra: paraíso protegido na região de Paraty